



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS
CAMPUS UNIVERSITÁRIO PROF. DR. SÉRGIO JACINTHO LEONOR
CURSO DE GRADUAÇÃO DE LICENCIATURA EM PEDAGOGIA**

NATIARA RIBEIRO XAVIER

**MULHER NEGRA UNIVERSITÁRIA: CONSTRUINDO IDENTIDADE DE JOVEM
ESTUDANTE DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS NO CAMPUS DE
ARRAIAS/TO (2019/2023)**

**Arraias - TO
2023**

Natiara Ribeiro Xavier

**Mulher negra universitária: construindo identidade de jovem estudante da
Universidade Federal do Tocantins no Campus de Arraias/TO (2019/2023)**

Monografia apresentada à Universidade Federal do Tocantins (UFT), Campus Universitário Sérgio Jacintho Leonor - Arraias para obtenção do título de licenciada em Pedagogia.

Orientadora: Prof^a Dr^a Elisabete da Silveira Ribeiro

**Arraias - TO
2023**

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Tocantins

- X3m Xavier, Natiara Ribeiro.
 Mulher negra universitária: construindo identidade de jovem estudante da Universidade Federal do Tocantins no Campus de Arraias/TO (2019/2023). / Natiara Ribeiro Xavier. – Arraias, TO, 2023.
 39 f.
- Monografia Graduação - Universidade Federal do Tocantins – Câmpus Universitário de Arraias - Curso de Pedagogia, 2023.
 Orientadora : Elisabete da Silveira Ribeiro
1. Mulher. 2. Negritude. 3. Juventudes. 4. Narrativas autobiográficas. I. Título

CDD 370

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS – A reprodução total ou parcial, de qualquer forma ou por qualquer meio deste documento é autorizado desde que citada a fonte. A violação dos direitos do autor (Lei nº 9.610/98) é crime estabelecido pelo artigo 184 do Código Penal.

Elaborado pelo sistema de geração automática de ficha catalográfica da UFT com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).


Natiara Ribeiro Xavier

**Mulher negra universitária: construindo identidade de jovem estudante da
Universidade Federal do Tocantins no Campus de Arraias/TO (2019/2023)**

Monografia apresentada à UFT – Universidade Federal do Tocantins – Campus Universitário de Arraias, Curso de licenciatura em Pedagogia foi avaliado para a obtenção do título de pedagoga e aprovada em sua forma final pela Orientadora e pela Banca Examinadora.

Data de aprovação: 03 /07 /2023

Banca Examinadora

Documento assinado digitalmente
 ELISABETE DA SILVEIRA RIBEIRO
Data: 03/07/2023 19:56:26-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof^ª. Dr^ª. Elisabete da Silveira Ribeiro (Orientadora)
Universidade Federal do Tocantins

Documento assinado digitalmente
 ELIANE PINTO TEIXEIRA
Data: 03/07/2023 21:18:17-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof^ª. Mestranda Eliane Pinto Teixeira
Universidade Federal do Tocantins

Documento assinado digitalmente
 DIVANIA DELTRUDE MOREIRA
Data: 03/07/2023 20:20:12-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof^ª Mestranda Divânia Deltrude Moreira
Universidade de Brasília

*“É hora de se armar com coragem e
esperança” Conceição Evaristo*

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus por ter me dado força para ultrapassar os obstáculos encontrados em minha jornada acadêmica e pessoal.

A duas primas especiais, Heloisa Pereira Santana e Luciane Pereira de Santana que me incentivaram a dar o primeiro passo para ingressar a universidade.

Aos meus pais, José Martins Xavier de Santana e Sueli Ribeiro de Queiroz, que foram minha base ao longo desse caminho, o apoio incondicional de vocês me impulsionou a persistir e superar todos os desafios que surgiram. Ver o amor e a felicidade em seus rostos quando eu ingressei na universidade foi meu maior incentivo.

Aos meus irmãos, José Carlos Ribeiro Xavier e Natiely Ribeiro Xavier, que, juntamente com meus pais, também foram meu incentivo.

Ao meu namorado, Paulo Henrique Ferreira Rodrigues, por ter dado todo apoio e suporte quando eu precisei.

A minha orientadora Elisabete, pela orientação e disponibilidade em esclarecer minhas dúvidas ao longo do processo.

Além disso, agradeço pelas suas palavras de incentivo e encorajamento foram fundamentais para que eu acreditasse em mim mesma e empenhasse ao máximo neste trabalho.

A Universidade Federal do Tocantins, Campus Professor Doutor Sérgio Jacintho Leonor e aos professores, pelos ensinamentos na minha trajetória acadêmica e a todos que de alguma forma contribuíram para minha formação acadêmica.

RESUMO

Esse trabalho de conclusão de curso está ancorado na metodologia *Narrativas autobiográficas* e busca apresentar e problematizar a vida de uma mulher negra, jovem, universitária, que para conseguir cursar a graduação teve que ficar longe da sua família. Para embasar esse trabalho embasei os estudos, principalmente, em Delory-Momberger (2012) e Abrahão (2001), relacionadas à história de vida, Ribeiro (2021) para discutir as juventudes, para discutir mulheres negras busquei o suporte de Lorde (1990) e Bairros (2009) e Crenshaw (2007) para basear a interseccionalidade.

Palavras chave: Mulher. Negritude. Juventudes. Narrativas autobiográficas.

RESUMEN

Este trabajo de finalización de curso está anclado en la metodología Narrativas Autobiográficas y busca presentar y problematizar la vida de una joven universitaria, negra, que para cursar la graduación tuvo que alejarse de su familia. Para apoyar este trabajo, me basé en estudios principalmente en Delory-Momberger (2012) y Abrahão (2001), relacionados con la historia de vida, Ribeiro (2021) para hablar sobre las juventudes, para hablar sobre las mujeres negras busqué el apoyo de Lorde (1990) y Bairros (2009), y Crenshaw (2007) para basar la interseccionalidad.

Palabras llave: Mujer. Negrura. Juventudes. Relatos autobiográficos.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Natiara aos 6 meses (na fazenda)	13
Figura 2: Batizado de Natiara.	14
Figura 3: A família reunida na festa junina.	15
Figura 4: família reunida no monte de mandioca	17
Figura 5: Natiara em casa (na fazenda) com a Família	18
Figura 6: Natiara e Delma na universidade para realizarem a prova do vestibular	20
Figura 7: Natiara e Delma primeiro dia na universidade como acadêmica.	21
Figura 8: Natiara na Universidade	23
Figura 9: Natiara na Casa do estudante	34
Figura 10: Natiara rodeada das amigas e companheiras da Casa do estudante	35

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

EUA	Estados Unidos na América
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
MNU	Movimento Negro Unificado
OMS	Organização Mundial de Saúde
PDT	Partido Democrático trabalhista
PT	Partido dos trabalhadores
UFT	Universidade federal do Tocantins

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	10
2	O CAMINHO DA PESQUISADORA	11
3	DESENHO METODOLÓGICO	24
4	FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	26
4.1	Juventudes	26
4.2	Mulheres Negras	29
4.3	Interseccionalidade	31
	PRODUÇÃO DA NATIARA COMO INTERSECÇÃO: MULHER NEGRA E	33
5	JOVEM UNIVERSITÁRIA	4
5.1	A descoberta da negritude	37
6	(IN) CONCLUSÃO	38
	REFERÊNCIAS	39

1 INTRODUÇÃO

No presente trabalho de conclusão de curso de Pedagogia. Mulher negra universitária: Construindo identidade de jovem estudante da Universidade Federal do Tocantins no Campus de Arraias/TO (2019/2023). Que teve como problema de pesquisa quais os desafios e possibilidades de uma jovem negra Taguatinsense estudando longe de casa. E como objetivo geral da pesquisa refletir sobre a trajetória de uma mulher jovem, negra, que para cursar o ensino superior, necessita permanecer longe de casa. Escolhi as narrativas autobiográficas como metodologia de pesquisa por compreender a potência da narrativa de si e também por entender que este depoimento, baseado em autores que me auxiliam na compreensão da construção do eu, ajudarão outras mulheres jovens, negras, da classe trabalhadora a forjarem suas próprias jornadas acadêmicas. Posto isto, tentarei renovar, reviver e recontar os momentos e acontecimentos marcantes da minha história de vida, bem como obstáculos, desafios e possibilidades que encontrei ao ingressar em uma universidade. Esta é uma tentativa de problematizar e potencializar a trajetória de uma jovem negra, da classe popular, no percurso do ensino superior, com a peculiaridade de ter que permanecer longe da família.

Para tanto, busco valorizar memórias socioafetivas, acerca da minha história, que está em um contexto maior de jovens mulheres negras, em seus percursos acadêmicos; procuro assim visibilizar caminhos trilhados na universidade por esse conjunto de mulheres.

Diante disso, busquei descrever as cenas, conforme elas se apresentam em minha mente, entendendo que há uma distância entre o vivido, o experienciado no cotidiano e o contado. Pretendo deste modo que a minha história de vida, de alguma forma, inspire outras acadêmicas, encorajando-as diante dos obstáculos que possam se apresentar.

A metodologia utilizada neste trabalho foi à narrativa autobiográfica, embasada em Delory-Momberger (2012) e Abrahão (2001), considerando a necessidade de visibilidade e eco das vivências universitárias por uma jovem mulher negra que nunca tinha ficado longe da família e que tem que passar a dividir o espaço com em média vinte companheiros estudantes. Sem dúvida uma experiência de muita aprendizagem, mas ao mesmo tempo muito desafiadora.

O texto está composto do seguinte modo, Introdução: Nessa seção, apresento o tema do trabalho, contextualizo o problema de pesquisa, estabeleço o objetivo e a relevância de estudo. Capítulo 1: O caminho da pesquisadora: no qual exploro minha trajetória como pesquisadora. É uma reflexão autobiográfica sobre minha história de vida. Capítulo 2: Metodologia que apresenta os caminhos percorridos no contexto da pesquisa. Capítulo 3: Fundamentação teórica que busca elucidar conceitos relacionados à Juventudes, Mulheres Negras, Interseccionalidade. Capítulo 4: Produção da Natiara como intersecção: mulher negra e jovem universitária e a descoberta da negritude e o Capítulo 5: (In)Conclusão que trata do fechamento deste trabalho, entendendo que é só o começo desse diálogo que poderá ser aprofundado com o seguimento da pesquisa. E, as Referências que apresentam os autores que dialogaram comigo neste percurso.

2 O CAMINHO DA PESQUISADORA

Esta pesquisa não foi uma tarefa fácil, pois tratou de revirar memórias, às vezes muito ruins, de choros, de tristezas, de distâncias. Porém, entendo que é também importante, sendo que contribuirá para que futuras acadêmicas sintam-se encorajadas a trilhar este caminho necessário, que é o curso universitário. Ademais, na busca de trabalhos acadêmicos, percebe-se que são raras as pesquisas que interseccionam juventudes, gênero e negritude, assim torço que este texto auxilie acadêmicas vindouras, que possam se interessar pelo assunto. Deste modo, busco compreender minhas experiências universitárias dentro do contexto de ensino nesse trabalho.

Como futura profissional, negra, no mercado de trabalho, é muito importante assumir essa identidade cidadã, pois ocupemos nosso lugar nessa sociedade, em qualquer espaço de trabalho. Sabe-se que uma mulher negra ocupando um espaço, enquanto pedagoga incomoda muita gente, tendo em vista que estes lugares estão “reservados” para as pessoas brancas, de cabelos lisos, sem roupas extravagantes. Essa irracionalidade favorece as mulheres brancas, enquanto exclui as mulheres negras. Enfim, o que é esperado para nós, quando quisermos exercer esses cargos é que passemos por um branqueamento para não sermos excluídas. Portanto, ratifico que é muito importante que mulheres negras, como eu, ocupem os diferentes cargos nos mais diversos ambiente.

É muito triste perceber que ainda temos que enfrentar esses, velhos e colonialistas, obstáculos. Porém, a escola deve ser lugar de todos, assim precisamos ir quebrando esses paradigmas racistas, bem como ir ensinando os estudantes a respeitar as particularidades de cada um/uma. Isto não quer dizer negar os impasses encontrados, cotidianamente, acerca da batalha contra o preconceito. É importante que desde cedo, vejamos e ocupemos nossos lugares como sujeitos. Esta pesquisa será relevante para minha profissão, já que contribuirá com a sociedade acadêmica é até mesmo com a minha classe profissional. A seguir apresento um pouco de como venho me constituindo.

Meu nome é Natiara Ribeiro Xavier, filha de Sueli Ribeiro de Queiroz e José Martins Xavier de Santana, tenho dois irmãos, José Carlos Ribeiro Xavier e Natiely

Ribeiro Xavier. Nasci dia 06 de novembro de 1999 no hospital Municipal São João Batista, município de Taguatinga, TO.

Figura 1: Natiara aos 6 meses (na fazenda)



Fonte: registro desconhecido(2000)

Como a figura mostra, nossa vida nessa época era bastante difícil. Junto à família passamos por muitos momentos, tanto difíceis quanto felizes, e o mais importante sempre estivemos juntos nisso. Cresci morando na fazenda, até os meus 8 anos de idade. Minhas lembranças de nossas vivências, morando na fazenda são muito boas. Eram tempos maravilhosos, que recordo até hoje, embora as coisas não fossem fáceis naquela época. A necessidade de sustento da família, fez com que meu pai tivesse que sair da própria terra, indo trabalhar de caseiro para outras pessoas, desse modo, ele realizava de tudo, capinava, roçava entre outros serviços gerais. Sempre nos levava junto, assim, recordo de alguns lugares que moramos. Nessa época vivíamos com uma situação precária, entretanto, a vida na fazenda era muito boa. A simplicidade da vida no campo era, alias, ainda é muito encantadora para mim.

Figura 2: Batizado de Natiara



Fonte: registro desconhecido(20??)

A figura 2 mostra o momento em que me batizei na fazenda, momento simbólico de grande importância para a minha família.

Já em relação aos estudos, minha mãe estudou até a oitava série e meu pai até a 4ª série e, mesmo sem ter concluído seus estudos, não deixaram de nos mandar à escola. Ao contrário, sempre enfatizaram a importância dos estudos para nossas vidas e afirmavam que se pudessem voltar no tempo, não teriam desistido.

Mesmo incentivando os estudos, como moramos na fazenda por um tempo, meus pais foram impedidos de me matricular na escola no tempo certo. Esse fato aconteceu, pois não tinha como me deslocar à escola, pela rotatividade de trabalho do meu pai que ia de fazenda em fazenda para trabalhar como caseiro.

No entanto, fomos morar na cidade. Ingressei na escola no ano de 2008, já com oito anos de idade. Fui alfabetizada na escola. Lembro-me de ter muita dificuldade em compreender o alfabeto. Assim, fui me alfabetizando aos poucos.

Figura 3: A família reunida na festa junina



Fonte: registro desconhecido(20??)

Na figura 3, um momento em família, em que fomos para uma festa junina.

A primeira escola geralmente é inesquecível, comigo não foi diferente. Comecei minha vida estudantil na Escola Municipal Laura do Carmo. Tenho a nítida lembrança do quanto eu chorava no primeiro dia de aula. E, assim passaram-se dias de choros, até eu acostumar. Não foi fácil. Mas, com o tempo fui me adaptando melhor. Era uma criança muito tímida. Tinha dificuldade de comunicação. Acredito que até hoje tenho essa dificuldade. Todavia, percebo que mudei bastante e noto que a cada dia mudo mais. É um processo, um passo de cada vez. Olhando minhas lembranças constato que me achava incapaz em praticamente tudo. Minha evolução me dá esperança e orgulho. Vencer esses obstáculos não foi fácil, porém eu não estava sozinha. Minha família sempre esteve presente em todos os momentos, me mostrando que eu era capaz. O incentivo deles nesse momento foi fundamental.

Em 2010, voltamos a morar na fazenda, mas aí na terra da família. Tinha e ainda tem, uma escola que é por perto da casa. Essa foi minha segunda escola, Escola Municipal Varjão. Nesse lugar aprendi muito. Nessa época já tinha meus 10 anos, e estava na 3ª série. Entretanto, nessa escola só tinha até a 5ª série.

Naquela época ainda não havia energia elétrica onde morávamos, usávamos candeia e lampião para iluminação, que era uma prática comum. Essas lembranças do passado são realmente preciosas e mostram como a simplicidade das coisas daquela época eram capazes de criar momentos inesquecíveis. Mesmo com as circunstâncias difíceis, encontrávamos maneiras de nos adaptarmos e aproveitar a vida. As visitas noturnas à casa de parentes, como a vó, tios, a boa conversa e a troca de histórias eram momentos de convívio social que fortaleciam nossos laços familiares.

Lembro-me também de um vizinho que morava perto da casa dos meus pais que tinha um gerador, mas só funcionava a diesel e de vez em quando, com dificuldade meu pai ligava o gerador e a gente se divertia assistindo uma novela. Cada vez que conseguia ligar via no máximo uma novela e às vezes nem toda. Mas com o pouco tempo do gerador ligado a felicidade era enorme.

E também tenho a nítida lembrança que eu e algumas primas (os), pegávamos lenha durante o dia para fazermos a fogueira à noite, era muito divertido, como ainda não havia energia elétrica, produzíamos nossa própria luz, criando um ambiente acolhedor e propício para conversas, risadas e memórias compartilhadas. Registrar, valorizar essas memórias e reconhecer a importância de apreciar as pequenas coisas da vida é muito significativo para mim. Outro momento precioso era quando íamos tomar banho, lavar roupas e vasilhas no rio, já que não contávamos energia elétrica.

Mesmo com essas aventuras, aguardávamos ansiosos os acessos à energia elétrica, que só aconteceu em 2013 foi um acontecimento muito celebrado por todos nós, felicidade imensa. A energia elétrica trouxe a possibilidade de utilizar eletrodomésticos, como geladeira, televisão, entre outros, nos trazia um conforto que ainda não havíamos experimentado.

Atualmente, visitando minhas memórias, percebo que às vezes, são as experiências mais simples e autênticas que trazem os momentos mais significativos e duradouros. A falta de energia elétrica na época não era uma limitação, mas sim uma oportunidade de explorar outras formas de criar conexões e desfrutar da companhia uns dos outros, que relembro, registrando podendo ver o quanto era significativa cada momento.

Lembro como se fosse hoje, quando meus pais iam para roça cuidar dos plantios, capinar o arroz, feijão, milho, mandioca e outras coisas que plantavam na roça, eles me levavam, porque não tinha com quem me deixar. Sempre meu pai alertava: “estude, estude para não estar aqui de sol a sol, o estudo irá te proporcionar algo melhor”.

Lembro-me de alguns momentos na época que ralávamos farinha de mandioca, na beira do rio. Esse era um momento festivo, com reunião de toda família, onde cada um tinha sua casinha de palha para poder se acomodar durante todo o processo da coleta, que geralmente durava mês. Era trabalhoso, passávamos muito frio a noite devido a estarmos na beira do rio. As lembranças desses momentos na beira do rio, mexendo com farinha permaneceram como tesouros preciosos em meu coração, transmitindo valores e mantendo viva a essência dessa época em que a união familiar e o trabalho em equipe eram fundamentais.

Hoje em dia ainda trabalhamos com farinha, embora tenham ocorrido algumas mudanças ao longo do tempo, como o local para a realização do processo e a quantidade de mandioca que hoje é menor. Atualmente o local da realização da produção de farinha é intercalado, uns anos na casa da minha vó, mãe do meu pai, e esse ano foi na casa dos meus pais, como outros anos também já foi

Figura 4: família reunida no monte de mandioca.



Fonte: registro desconhecido(20??)

Na figura 4, podemos ver minha família reunida junto ao monte de mandioca, trabalhando com alegria e compartilhando risadas.

Figura 5: Natiara em casa (na fazenda) com a família (2023)



Fonte: registro desconhecido(20??)

Na figura 5, mostra um momento no meu melhor lugar, em família na fazenda.

Voltando a contar minha história, com o passar dos anos, fui crescendo e como meus pais já me levavam para roça. Já estava grande ao ponto de poder ajudar também. Lembro-me que era muito cansativo, saímos para roça cedo e voltamos à noite. Ficávamos o dia todo trabalhando, parávamos só para almoçar, tinha um rancho, que é uma casinha de palha. Minha mãe parava para poder fazer o almoço ali.

Minha mãe teve que me matricular em outro colégio, que tinha que ir de ônibus para chegar à escola, era mais ou menos 2 horas e meia de distância. Muito cansativo. Tinha que almoçar cedo e quando chegava na escola já estava com fome. Nessa época já estava com meus 13 anos e já era a minha terceira escola, a Escola Municipal Juvência Urcino de Santana, onde estudei do 6º ao 9º ano. Só tinha até o 9º ano. Esse tempo em que fiz o percurso em transporte escolar todo para chegar até a escola, foi muito cansativo, muitas vezes o ônibus quebrava na estrada e andávamos a pé, junto com o motorista em busca de sinal para pode fazer a ligação para que alguém viesse nos buscar. Ficávamos horas esperando, porque

geralmente o ônibus vinha da cidade. Em função disso, muitas vezes chegávamos em casa de madrugada. Chegava a acontecer de o ônibus quebrar e termos que ir a pé para casa. Mas, isso acontecia quando o veículo quebrava perto de casa, principalmente quando o motorista só estava faltando à última rota. No final dava tudo certo, ou quase certo. Chegávamos em casa extremamente cansados. Também tivemos muita diversão, pois éramos crianças e não tinha situação ruim. Porém, quando o ônibus quebrava, com frequência, ficava chato e muito cansativo, só pensávamos em chegar logo em casa.

Quando eu completei meus 15 anos, meus pais deram uma grande festa da qual ainda me lembro vividamente. Usei um vestido branco de renda. Não sei porque escolhi um vestido branco, geralmente as meninas usam mais rosa, mas sabendo que meninas podem escolher o que quiserem e gostando mais de branco, o escolhi. Me diverti muito com toda minha família e com os convidados. Meu pai contratou cantores para tocar a festa e matou uma vaca para comemorar. Na época contratar alguém para tocar uma festa não era muito caro, meu pai os conhecia, eram dois irmãos, eles tocavam seresta, em festas na redondeza. Ganhei muitos presentes, no outro dia estava toda empolgada para abri-los. Foi um momento muito importante na minha vida, meus 15 anos.

Aos 17 anos, no ano de 2017, me mudei para a cidade porque não tinha escola de Ensino Médio na fazenda. Estudei no Colégio Estadual Professor Aureliano, no 1º e 2º ano. Passei por momentos bem difíceis quando tive que me afastar dos meus pais para ir estudar na cidade. Nunca tinha saído de casa. Meus pais tinham uma casa na cidade, então fui para lá e tive que morar sozinha. Da cidade à fazenda, percorre-se a distância entre 40 a 50 minutos, depende muito de como está a estrada. Eu ficava agoniada para chegar os finais de semana, para poder ir para casa na fazenda. Para mim não tinha lugar melhor. Quando me mudei para a cidade em 2017, ganhei uma moto do meu pai, fiquei muito feliz. Eu a tenho até hoje.

Em 2019, mudei de escola novamente, desta vez para o Colégio Estadual Justino de Almeida. Mudei para estudar a noite no 3º ano. No 2º ano eu já queria estudar à noite, mas, minha mãe não deixou. Com muita luta a convenci. E assim concluir o ensino médio.

Minhas experiências vividas nessas escolas foram boas. Tive momentos extraordinários, momentos de muitas descobertas e conhecimentos adquiridos nessa fase de Ensino Fundamental e ensino médio.

Quando terminei o ensino médio, em nenhum momento pensei realmente o que ia fazer. Tinha duas primas que cursaram Pedagogia na Universidade Federal do Tocantins, no campus de Arraias/TO. Então ficavam dizendo que eu tinha que ingressar na faculdade. Dessa forma, elas me inscreveram no vestibular. E, eu embora permitindo que elas me inscrevessem, me sentia incompetente. Sempre me senti incompetente. Pensava que fazer faculdade não era adequado para mim, e que nunca passaria no vestibular. Mas, depois da insistência delas, meus pais souberam que eu iria prestar o vestibular. Naquele momento, percebi que tinha mesmo que fazer o vestibular, pois era o sonho dos meus pais ter sua filha formada pela universidade. Chegou o dia para prestar o vestibular. Na minha mente repetia-se a ideia de que eu não iria conseguir passar. Minha mãe, ao contrário de mim, tinha toda certeza do mundo de que eu iria conseguir, assim como minhas primas e entre outras pessoas queridas da minha família. Vim fazer o vestibular muito insegura, e não é que passei?

Figura 6: Natiara e Delma na universidade para realizarem a prova do vestibular



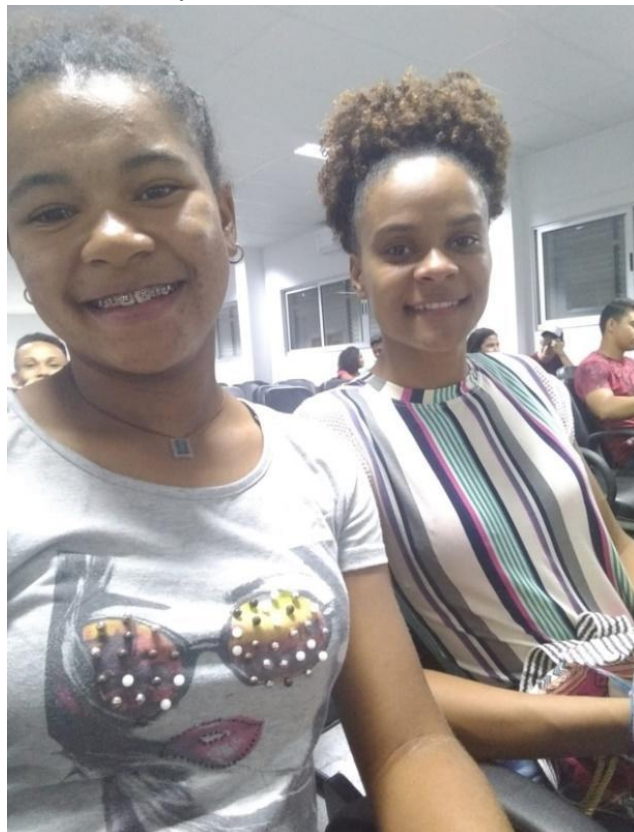
Fonte: registro desconhecido(20??)

Na figura 6 mostra o momento que eu e Delma quando viemos fazer a prova do vestibular na Universidade.

Quando vi meu nome junto com outros aprovados, fiquei sem acreditar, foi uma emoção enorme. Achava que não iria conseguir, me sentia incapaz, embora muitas pessoas queridas sempre dissessem que eu iria conseguir. No dia da matrícula, viemos eu, meu pai e minhas primas, Heloisa e Luciane, aquelas que já falei que são pedagogas, formadas pela UFT. Fiquei encantada com a Universidade. Achei tão linda. Fiquei dias refletindo sobre o que estava acontecendo, sobre eu ter conseguindo aprovada no vestibular. Assim foi minha entrada na universidade. Em seguida que aprovei fiquei em êxtase, mas nem tudo foi tranquilo neste percurso.

A minha chegada Arraias foi muito difícil, por conta de eu nunca ter saído da minha cidade para morar em outra. Passei a morar na casa de estudantes, com pessoas diferentes, cursos diferentes, opiniões diferentes, experiências diferentes, não é nada fácil. É, uma luta diária. E eu teria que enfrentar. Demorei muito a me acostumar. Chorava praticamente todas as noites, com vontade de ir embora, com aquela angústia no peito. Era algo inexplicável de tão sofrido.

Figura 7: Natiara e Delma primeiro dia na universidade como acadêmicas



Fonte: registro desconhecido(20??)

Na figura 7, mostra nosso primeiro dia como ingressante da UFT. Esse foi um dia feliz, de descobertas, mas nem todos os dias foram assim. Um dia que liguei para minha mãe chorando, falando que iria desistir, que não estava mais aguentando morar longe de casa. Minha mãe com sua voz mansa me questionou: “vai desistir mesmo Natiara? Passando-me a confiança de que me apoiaria, caso eu decidisse realmente desistir. Na hora, sentir um turbilhão de emoções. Vinha em mente todos os momentos que estivemos juntos, eu e minha família, antes da universidade. Nossa felicidade era contagiante demais quando consegui aprovar no vestibular.

Meus pais vivenciaram a minha entrada na universidade como se eles estivessem ocupando esse espaço. Eu ponderava que essa alegria poderia virar tristeza e assim fui tentando aguentar, tentando ficar. Praticamente todos os finais de semana, minha mãe me enviava dinheiro para eu ir para casa. Fui suportando a distância, já que ela tirava dinheiro de onde não tinha para me mandar. Hoje e eu tenho consciência de que não me acostumei aqui, mas me adaptei. Todas as férias eu ia e quando retornava demorava a me adaptar. Penso que morar longe de casa é e sempre vai ser meu ponto fraco. Independente de tudo a força que tenho vem da minha família, se fosse por mim, no primeiro momento que vim, eu teria desistido de tudo. Eu falo e sempre falarei por eles, todas as vezes que as coisas ficavam difíceis, ou mesmo quando a saudade batia de casa, eu pensava neles sempre e isso me dava força para poder continuar.

Pensava também na época que minhas primas estudavam na UFT, meus pais se orgulhavam muito delas e sempre falavam do quanto elas davam orgulho aos seus pais por estarem na universidade. Elas foram às primeiras pessoas em nossa família a cursar ensino superior e a vida delas também não era fácil, pois também são de famílias pobres e negras.

Hoje em dia tenho uma visão mais ampla sobre tudo, muito diferente de quando entrei percebo que minha resiliência foi a melhor coisa que me aconteceu, desse modo enfrentei os obstáculos para conseguir me formar e depois atuar na minha profissão.

Meu percurso teve outro agravante, estudar no período da pandemia de Covid-19¹. Foi bem difícil, pois precisamos ficar isolados por conta do alto índice de

¹ Ribeiro e Ribeiro explicam que com a pandemia, passamos por um período muito difícil, em que, enquanto sociedade planetária, fomos assolados pelo vírus Sars-Cov-2, que causa a Covid-19 e é

contagio do vírus Sars-cov. Digo que foi difícil porque eu não tinha acesso à internet na fazenda, então precisei permanecer na cidade, em Taguatinga/TO. Mesmo assim foi difícil, porque lá eu também não tinha internet. Porém, conseguia acessar na casa de uma tia, que morava na mesma rua que eu e me fornecia a senha do Wi-fi. Tenho consciência de que a solidariedade da minha tia qualificou meus estudos em tempos de pandemia. A internet em Taguatinga às vezes não era muito boa. Muitas vezes tive que assistir as aulas na frente de casa ou mesmo ir para casa dela. Aos poucos fui me adaptando, depois a UFT disponibilizou um chip com internet para nós, discentes, o que facilitou consideravelmente nossos estudos.

Figura 8: Natiara na Universidade



Fonte: registro desconhecido(20??)

O meu retorno presencial foi bem mais tranquilo do que quando eu entrei. Já estava mais acostumada a rotina universitária e também mais próxima a concluir o curso, que é me faz esperar e me mover cotidianamente.

extremamente letal, descoberto a partir de Wuhan na China. Em março de 2020, todos os países passaram a ser comunicados dessa letalidade que se espalhava como se fosse um caminho de pólvora. (2021, p. 36)

3 DESENHO METODOLÓGICO

Momberger (2012) enfatiza a necessidade de lembrar o que estabelece o projeto epistemológico especificamente relacionado à pesquisa de inspiração biográfica e como ele distingue de outros. Assim, para tratar deste assunto, pensei a pesquisa em dois movimentos, são eles: a produção de dados e a análise da autobiografia, que conduz a visitar atos e memórias, bem como a reinterpretá-los de outro lugar.

Conforme Momberger (2012) e o projeto epistemológico da pesquisa biográfica, faz parte das questões centrais da antropologia social, na constituição do indivíduo. Assim, busca compreender a relação, do sujeito nas suas diferentes intersecções (histórica, social, cultural, linguística, econômica e política), buscando criar uma compreensão possível das interpretações que o sujeito faz de si e das suas ligações com os outros, acerca do individual, numa dimensão espaço/temporal, por meio de sua experiência e existência.

Momberger (2012) problematiza a interface do individual e social, lembrando que só se existe através do outro, num processo de produção mútua e contínua. Assim, a difícil tarefa da pesquisa biográfica se produz em tomar consciência da relação singular e coletiva por meio de atividade biográfica, com o mundo histórico e social.

Para Momberger (2012) a postura específica da pesquisa biográfica, como uma forma de documentar a experiência de alguém, buscando fazer emergir o indivíduo que se esconde nas raízes da consciência, através de suas biografias e história, na tentativa de distinguir o desenvolvimento específico do espaço social.

Falar sobre nós mesmo, incide em várias formas que estão associadas a muitos objetivos e discursos colocados em ação, encontrando diversas formas de discurso: descritivo, explicativo, argumentativo, avaliativo, entre outros. A pesquisa biográfica, no entanto, assume um meio particular para reivindicações de discursos narrativo, pelo que a narradora, por si só, é o aspecto que mantém esta ligação mais direta com a dimensão temporal perante as vivências e a experiência humana. (MOMBERGER, 2012)

Momberger (2012) explica a autobiografia, apontando como as pessoas se dão conta de si próprias, através de relatos sobre os caminhos e processos pelos

quais passaram, auxiliando a recontar os percursos traçados nos caminhos individuais.

Portanto, o relato não é apenas um ato de falar, visto que tem também a capacidade de ter um impacto sobre o que relata. Esse é um poder de tomada de medida, que na verdade é baseado na exploração de histórias de vida para iniciar os processos de mudança e desenvolvimento nos sujeitos. Ela também afirma o objetivo que a epistemologia coloca à história de vida, ou seja, do pensar juntamente com o agir, pensando-se e repensando-se – através dos recortes, da classificação do que se considera ou não importante. A autobiografia, assim é uma tomada de consciência de si e de mudança de postura (MOMBERGER 2012).

O texto de Abrahão (2001) vem na mesma linha de Momberger, explicando que a produção de história de vida ocorre quando a protagonista narra a sua trajetória, esforçando-se para trazer os fatos e memórias no processo, enfatizando alguns, esquecendo ou reprimindo outros. Assim, entendo a construção de uma história de vida que acontece no momento da anunciação dos acontecimentos, que através do esforço de compreensão da pesquisadora que organiza os diversos elementos que constituem essa história com argumentos, traumas, apagamentos, com dimensão temporal, espacial e de múltiplas relações sociais em que a protagonista está inserida.

Abrahão (2001) aponta que uma história de vida pode ser construída com fotos, filmes e relatos de outras fontes e que tem um desdobramento em outros aspectos, como uma jovem negra, universitária, vivendo longe de casa, mostrando evidências que revelam cenas de sua vida. Como podemos ver, esta história de vida está entrelaçada com a história de vários processos ocorridos desde a infância, na família, na escola, na universidade, na casa de estudante, com outros e outras jovens. Nessa tecitura procuramos compor a autobiografia da protagonista, ratificando que construir uma narrativa de si tem caráter amplo, difícil e potente.

4 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

A seguir apresentamos as categorias que compõe este estudo a partir dos autores que me sustentaram na organização deste trabalho. Relacionado à juventudes dialogo principalmente com Ribeiro (2021), mulheres negras com Lorde (1990) e Bairros (2009), interseccionalidade com Crenshaw (2007), produção da protagonista Ribeiro (2019) e Santana (2015)

4.1 Juventudes

Segundo Ribeiro (2021) a questão dos jovens, não está limitada à adolescência. Contudo, esses conceitos estão interligados. Conforme a autora (2021) a Organização Mundial de Saúde (OMS) quando se refere a jovens e adolescentes afirma que estes têm respectivamente entre 10 a 19 anos e de 20 a 24 anos, já no Estatuto da Criança e do Adolescente, Lei 8.069, de 1990 está estabelecido que a adolescência ocorre entre os 12 aos 17 anos e no Estatuto da juventude, Lei nº 12.852/2013 (BRASIL, 2013), apresenta a juventude entre o período de 15 a 29 anos. (RIBEIRO, 2021)

Ribeiro (2021) afirma que o conceito de juventude é amplo e plural, pois não há juventude una. Como tal, apresenta que a construção de todos os jovens é socialmente apropriada, de diferentes maneiras, sejam culturais, sociais, econômicas, políticas ou de gênero. Como podemos perceber cada processo é individual e está sempre em construção. Para a autora existem barreiras onde imperam desigualdades, em que nem todas as pessoas podem participar igualmente de todos os ambientes, já que alguns lugares mais elitizados carregam em si organizações sociais que expulsam jovens das classes populares, desvalorizando assim algumas juventudes.

No entanto, Ribeiro (2021) enfatiza o fato de que os adultos devem olhar com mais atenção para os jovens e reconhecer sua importância nessa fase da vida, porque nesse período da juventude pode haver uma certa rebeldia, entretanto mesmo essa rebeldia não está dada para todos os jovens. (RIBEIRO, 2021).

Ribeiro (2021) afirma que a maioria dos jovens muitas vezes não são ouvidos, destaca também a falta de emprego na sociedade, privando aos juvenis o acesso às concessões da indústria e de todo conforto. Dessa forma, esses jovens da classe

trabalhadora sofrem com as barreiras para se tornarem cidadãos consumidores, que é o apelo constante das publicidades. Todavia essas juventudes mais empobrecidas também influenciam as juventudes da elite, seja no modo de falar, de vestir ou mesmo no gosto musical, já que pertencem a mesma geração. Assim, há uma ética periférica que é consumida pelas juventudes das classes mais abastadas.

Como podemos ver as juventudes imbricam-se com o espaço, pois vemos dois mundos diferentes, onde alguns tem mais acessos de um jeito mais fácil, enquanto outros lutam e mesmo assim não conseguem o que precisam para ter uma vida mais digna.

Ribeiro (2021) explica que na idade média, entre os séculos IV e VII as juventudes eram consideradas perigosas. Já os jovens no início do século XX tinham que ser considerados futuros adultos saudáveis. A rebeldia juvenil, porém era visa e aceita como a marca desse vir a ser. O psicólogo americano Stanley Hall (1904) abordava questões juvenis relacionadas ao desenvolvimento humano e enfatizava a importância da acolhida adulta e do cuidado dedicado a essa etapa do desenvolvimento para que o sujeito se tornasse um adulto saudável.

Ribeiro (2021) menciona que, na década de 1950, a teoria crítica passou a ser mais aceita, destacando vários aspectos das juventudes na sociedade e na cultura, porém ainda havia um viés biologicista acerca das juventudes, percebidas como iguais. Conforme Ribeiro (2021) no Brasil, como em outras sociedades ocidentais, na década de 1950, as pessoas começaram a pensar na juventude para além da delinquência juvenil. Estas juventudes não eram definidas por rituais claramente definidos, como na década de 1920.

Desde as décadas de 1960 e 1970, em parte, os jovens, especialmente os de classe média, como estudantes do ensino médio, se firmaram politicamente na luta contra o regime totalitário no território brasileiro. A juventude desta época desafiou a ordem social estabelecida de várias maneiras, principalmente numa perspectiva política, cultural e moral, tecendo ações em busca de mudanças, participando de movimentos estudantis e outros movimentos, buscava resistir a ditadura e às diversas formas de dominação da sociedade adultizada. Já as juventudes do contexto mais atual estão bastante ligadas às redes virtuais glocalizadas², podendo

² Conceito criado por Paul Soriano para explicar a ligação entre o local e o global

conectar-se com jovens de diferentes partes do mundo em um clique. (RIBEIRO, 2021)

Ribeiro (2021) enfatiza que as juventudes trazem características importantes na sua composição sejam elas nos aspectos de geração, moratória social e moratória vital. Assim, geração indica que as juventudes podem ter experiências contemporâneas parecidas, já a moratória vital indica que os jovens têm mais capital vital que os adultos e idosos. A moratória social, segundo a autora, baseada em Erikson, seria então um tempo de experimentação em que os jovens poderiam estudar e/ou fazer outras ações que são esperadas que as juventudes fizessem, sendo permitido até certa rebeldia juvenil. Desse modo as gerações, servem para a renovação da sociedade.

Ribeiro (2021) aborda no seu estudo sobre juventudes, que a divisão de classes traz consequências. Enfatiza que as juventudes das classes trabalhadoras deveriam ser mais atendidas em suas peculiaridades. É evidente que a continuidade dos estudos e ascensão social se produz de modo muito mais tranquilo no que diz respeito às juventudes das classes dominantes. Assim, pode-se observar que os jovens das classes populares não têm os mesmos acessos e vantagens que os da classe elitista.

Ribeiro (2021) também enfatiza que dos jovens da classe trabalhadora espera-se que trabalhem cedo e que quando isso não acontece, pode gerar muita frustração na vida desses jovens, o que faz com que se sintam incompetentes e/ou fracassados. Já em relação às jovens mulheres das classes populares espera-se que sejam mães cedo e a sociedade não apresenta expectativa de que continuem seus estudos. Com relação a gênero, das jovens de classes mais altas já se espera o contrário, ou seja, que estudem mais, podendo protelar a ideia de ser mãe ou mesmo não querer ser progenitora para ter mais tempo para cuidar de si e de sua carreira.

Ribeiro (2021) fala da importância dos jovens se perceberem como parte das instituições, como por exemplo, a escola. A pesquisadora afirma que a inscrição do aluno na escola não é bastante suficiente para garantir um espaço para este aluno. Assim, as juventudes devem ser reconhecidas em suas identidades na escola, enquanto instituição social, para que se sintam acolhidas e possam ter êxito nestes espaços, desde a educação básica ao ensino superior. (RIBEIRO, 2021)

4.2 Mulheres Negras

Para falar de mulheres negras, busco dialogar com Audre Lorde, ativista feminista norte-americana. Lorde (1990) que era uma mulher negra lésbica, feminista, socialista, advoga contra a opressão das mulheres negras, entretanto adverte que a própria pessoa que sofre racismo tem que se policiar para não ser preconceituosa com outras pessoas de qualquer grupo de oprimidos. Vejamos que essa questão de opressão é muito latente em uma sociedade que expõem a exclusão da pessoa vulnerável (LORDE, 1990).

Lorde (1990) Viveu em um período de grande opressão nos Estados Unidos. Assim, na década de 1990, ouvia de ativistas negras que era normal ser negra, entretanto ela e as demais, suas contemporâneas, recordavam que em períodos anteriores não era visto como normalidade.

Portanto, para Lorde (1990) a pessoa negra, ao reconhecer-se oprimida, não deve oprimir outras pessoas, segundo a autora temos que extinguir o opressor que existe em cada um de nós. E, ela alerta que não há níveis de opressão. Portanto, não se combate o racismo cometendo outras intolerâncias com indivíduos ou com grupos de pessoas. A discriminação tem uma força destrutiva. Assim, ao lutar contra o racismo, temos que lutar também contra o machismo, a homofobia, o capacitismo.

Ademais, na maioria das vezes acreditamos que não iríamos sofrer com situações de racismo, vendo as histórias de outras mulheres negras que já sofreram e sofrem ainda hoje, entretanto percebemos que já sofremos racismo velado. Então, Lorde (1990) denuncia a falta de visibilidade dos preconceitos na sociedade. É relevante lembrar que as maiorias das pessoas negras passaram por um processo de branqueamento e que por isso não se aceitam, não se percebem negras. Daí tentarem apagar as marcas da negritude, como buscando, por exemplo, ter o cabelo o mais liso possível. Ratifico a importância de se reconhecer, assumir, se amar e se aceitar negro/negra.

Segundo Bairros (2009) Lélia Gonzalez (1935 - 1994), era uma mulher negra membro da Comissão Executiva Nacional do Movimento Negro Unificado (MNU). Na época da ditadura militar no Brasil, ninguém estava mais apto do que Lélia para rebater os argumentos racistas e defender o movimento negro injustamente acusado de fazer divisões nas lutas populares. Conforme Bairros (2009), numa época em que a maioria das militantes do MNU não tinha muito conhecimento sobre as mulheres

negras, Gonzalez passou a ser a voz contra o sexismo, contra o machismo que ameaçava subjugar às mulheres do MNU, e o racismo encontrava-se a todo o momento nesse meio. Assim, Gonzalez alcançou um papel importante no movimento negro contemporâneo. (BAIRROS, 2009)

Segundo Bairros (2009), Gonzalez nascida em 1º de fevereiro de 1935, filha de uma família operaria de Minas Gerais, afirmava que para não sofrer discriminação racial, negava sua origem racial, afastando-se da comunidade negra, fortalecendo em si o processo de branqueamento que não atingia somente a ela, mas muitos negros. Lélia contava que nas escolas, aprendia muitas coisas equivocadas e desnecessárias sobre indígenas e negros. Revelando que mesmo na própria universidade a adversidade do negro não é fundamentada da forma que deveria. (BAIRROS, 2009)

Bairros (2009) revela que Gonzalez, superando a fase do branqueamento, passou a dedicar-se ao movimento negro, desse modo, mesmo durante a violência instaurada pela ditadura militar no Brasil, participava do MNU e exaltava os feitos de pessoas negras, com objetivo de estudar sobre as situações e a lutas dos negros em outros países. Segundo Bairros (2009) para Gonzalez, seu principal papel era o combate ao racismo, explicitando que o branqueamento tem um grande impacto e que precisa ser superado. Para Lélia, a ideologia do branqueamento é o aspecto ideológico mais eficaz do racismo na América Latina. (BAIRROS, 2009)

Bairros (2009) conta que Gonzalez ministrou cursos afro-culturais na Escola de Artes Visuais no Brasil em 1976 e em 1978 no Parque Lage, um importante espaço cultural do Rio de Janeiro. Além disso, sua insistência apaixonada no Grêmio Recreativo de Arte Negra e na Escola de Samba Quilombo em 1976 mostram sua busca constante para derrubar a falsa oposição entre cultura e política que é tão obstinado no discurso do movimento negro. Quando, Antonio Candeira (1978) citou Gonzalez, ela percebeu o alcance de seu trabalho na comunidade negra, ela, então passou a pensar em suas responsabilidades como ativista. (BAIRROS, 2009)

Segundo Bairros (2009), Gonzalez foi um ícone da luta negra na década de 1970. Assim como o MNU foi importante porque agregou as lutas da comunidade negra Brasileira, posto que ao tirar os negros brasileiros da invisibilidade, permitiu

que outras entidades definissem a cultura, porque o MNU era um espaço político significativo frente as adversidades da ditadura imposta no país. (BAIRROS, 2009)

Gonzalez disputou duas eleições no Rio de Janeiro, uma em 1982 como deputada federal pelo partido dos trabalhadores/PT e a outra em 1986 pelo Partido Democrático trabalhista- PDT como Deputada Estadual. Lélia ficou muito entusiasmada porque o partido PDT situa a questão racial entre como pauta do partido – entrelaçando a questões da mulher, criança e do trabalhador. Com isso, nenhum dos momentos Gonzalez nas duas campanhas mudou sua autonomia como candidata para ajudar nas lutas do movimento negro. Ambos partidos não apagaram a necessidade de erguer a bandeiras em proteção dos direitos e contra o racismo, o sexismo e a homofobia que atingiam negros, mulheres e homossexuais, como reconhecer e valorizar as diferenças culturais. (BAIRROS, 2009)

Gonzalez até meados dos anos 80, provavelmente foi uma das militantes negra que mais participou de seminários e congressos fora do Brasil, visto que era uma mulher que sempre tinha um discurso forte do movimento negro sobre política racial brasileira. Desse modo, Gonzalez foi representativa nos Estado Unidos e em vários outros países da África, onde ela a maior representatividade dos negros brasileiros. Enfatizava que a cultura negra não é apenas o samba, o pagode ou o funk, mas é também o reggae, o rock ou outras manifestações artísticas. A cultura brasileira envolve falas, gestos, movimentos e comportamentos cotidianos, que muitas vezes passam despercebidos. Esta é a prevalência que mantém a cultura viva das pessoas. (BAIRROS, 2009)

Gonzalez, uma mulher negra feminista que participou de várias organizações de mulheres, reconhecia que o movimento feminista precisava estar associado a questão de raça. Além disso, Lélia tinha um olhar acerca do feminismo de mulheres brancas, pois entendia que este feminismo não tratava das questões que atingem as mulheres negras. Ouvia muitas críticas de que as mulheres negras são agressivas, que com negras não tem como dialogar. Por isso, Lélia refletia sobre as contradições internas do feminismo latino-americano, reconhecendo suas contribuições, mas tecendo críticas coerentes relacionadas à falta de pautas acerca dos direitos civis de homossexuais e negros. (BAIRROS, 2009)

4.3 Interseccionalidade

Crenshaw (2007) cunha o termo interseccionalidade para expressar situações em que corpos precarizados sofrem diferentes tipos de opressão. A pesquisadora (2007) nos fala da intersecção da opressão de mulheres negras e pobres. Ao acessar os direitos humanos, a interseção de gênero e raça é fundamental para abordar a invisibilidade. Crenshaw (2007) exige políticas públicas para eliminar as desigualdades raciais e de gênero no contexto internacional.

No entanto, Crenshaw (2007) adverte que mesmo quando existem leis e políticas, estas desconhecem a realidade cotidiana, principalmente das mulheres negras, daí a importância desse reconhecimento, bem como de suas reais necessidades. As Mulheres negras são discriminadas o tempo todo, são excluídas do mercado de trabalho, ou de cargos, ou são vistas como inferiores.

Conforme Crenshaw (2007) mesmo quando há empregos para pessoas negras, homens negros é que são contratados, vulnerabilizando ainda mais a condição da mulher negra. Ou quando o emprego é para mulheres, prioritariamente é para mulheres brancas, mostrando assim a dupla precariedade das mulheres pretas. Importante lembrar que as pessoas negras são também mais criminalizadas e as mulheres negras são as que mais sofrem feminicídio no Brasil. Ressalto a importância da ação governamental que enviou ao Congresso Nacional um projeto para que as mulheres recebam o mesmo salário que os homens, quando investidas dos mesmos cargos.

Conforme o ministro Silvio Almeida (2023), as mulheres negras serão as maiores beneficiadas, já que elas recebem menos do que as mulheres brancas, que por sua vez recebem menos que os homens. Portanto, esta equiparação beneficiará, principalmente, as mulheres negras. Ao saber da lei que deverá ser aprovada fiquei bastante feliz, pois me lembrei de uma viagem recente a um Congresso Universitário, onde percebia-se que as mulheres que faziam a limpeza do local eram todas negras, a exceção de uma que era visivelmente a chefe das limpadoras.

Creshaw (2007) denuncia muitas situações de violência contra as mulheres negras. Nos EUA a justiça condena estupradores de mulheres negras a em média 2 anos de prisão para o estuprador, enquanto que de mulheres brancas a média de 10 anos. Ou seja, é uma diferença enorme, isso representa o quanto as mulheres negras sofrem com a desigualdade. Percebemos a invisibilidade da discriminação acerca dos movimentos políticos e sociais, bem como acerca das políticas

intervencionais. Além disso, movimentos como os feministas e anti-racistas são vistos como problemas, quando não são ridicularizados. Os problemas desses grupos memorizados que são invisibilizados socialmente que gera grande desigualdade. Uma sociedade melhor seria aquela em que a ética do cuidado, onde umas pessoas se responsabilizam pelas outras, fosse produzida. Posto isto a discriminação não seria mais um motivo de desabrigo.

5 PRODUÇÃO DA NATIARA COMO INTERSECÇÃO: MULHER NEGRA E JOVEM UNIVERSITÁRIA

A saída da casa dos pais e a entrada na universidade é algo extremamente marcante na vida dos jovens universitários, trazendo-nos desafios que talvez antes não estivessem presentes em nossas vidas, se as experiências fossem outras. Ao mesmo tempo em que todos os momentos são desafiadores, também são de muitas aprendizagens, que constituímos no decorrer de cada processo. Deparamo-nos com muitas mudanças, que de início não são nada fáceis, proporcionando novas responsabilidades.

Sair da zona de conforto para enfrentar a vida longe da família, inaugura uma série de emoções novas. Olhando para a minha trajetória, persevero que mesmo distantes fisicamente, meus pais sempre estiveram presentes, acolhendo, ajudado e, sobretudo torcendo para que tudo desse certo, o que foi fundamental, porque daí tirei forças para permanecer no Ensino Superior, e me sentir. A entrada na universidade, na nova cidade e na casa do estudante, tendo que enfrentar novas situações cotidianas, sem dúvida foi meu maior desafio. Em virtude de cada experiência, sentia uma mistura de medo e esperança, estava presente no meu dia a dia a insegurança de como eu iria ordenar a minha vida universitária longe da família, mas também sentia que poderia ser algo importante na minha vida, em função da independência que vinha a ser conquistada diante de cada ação.

Figura 9: Natiara na Casa do estudante



Fonte: registro desconhecido(20??)

Sobre a moradia estudantil, é muito importante ressaltar esse espaço como conquista, para que jovens universitários da classe trabalhadora possam cursar Ensino Superior e, portanto ocupar literalmente esse lugar. Não é fácil morar com pessoas bastante diferentes de você. No começo eu achava que não iria me adaptar a esse espaço coletivo, porém, com um tempo foi se construindo ali, meu novo lar, conhecendo as pessoas pouco a pouco, tendo afinidade, me identificado com alguns e, assim construindo fortes amizades, com alguns outros apenas suportando a convivência com respeito. As amizades que fiz durante esse processo são muito satisfatórias, porque na maioria das vezes preenchem um pouco o espaço vago pela distância e saudade da família.

Figura 10: Natiara rodeada das amigas e companheiras da Casa do estudante



Fonte: registro desconhecido(20??)

Hoje, depois de passados em torno de quatro anos, consigo perceber transformações em mim após a saída da casa dos meus pais. Suportar o distanciamento dos meus pais de algum modo me proporcionou algo importante na minha vida, de um lado certa independência e de outro a valorização da minha família e do suporte que tem me dado durante todo esse processo. Lidar com a distância física, mudança de cidade, me proporcionou essas vantagens, começando

a ter um olhar mais amplo das situações e experiências da vida. No início as dificuldades de permanecer na cidade, na casa de estudantes geravam muitas emoções sofríveis, entre essas cito: desespero, pensamentos negativos, pensava que não iria conseguir somente o tempo que é sábio e ensina foi ajudando a me repensar e suportar a distância.

Ademais, entendi que eu teria que passar por tudo o que passei para alcançar o que eu desejava. Muitas vezes achamos que não temos a capacidade para enfrentar os desafios que se apresentam durante o processo, mas, ao nos dedicarmos mais fortemente, vemos o quanto somos mais fortes e capazes do que imaginamos. Ratificando o que disse acima, um ponto positivo sobre o distanciamento da minha família, foi que aprendi valorizar mais e hoje posso revelar que estamos mais próximos. Não é que eu não os valorizasse, mas aparentava não valorizar, o que não atingia em nada o grande amor que sinto pelos meus pais. Estudando sobre o assunto percebi que muitos jovens passam pelas mesmas angústias que passei

A quantidade de jovens que sai da casa dos pais para cursar o ensino superior, segundo o IBGE em sua última pesquisa realizada no ano de 2010, chega a 29, 2%. Nesse contexto, 59.665.188 pessoas no Brasil precisam aprender a lidar com questões que possivelmente não lidavam antes, como gestão financeira, gestão doméstica, adaptação a uma nova cidade, distanciamento de familiares, amigos e adaptação à universidade (BORCHE e VIECILI, 2019, p. 02).

Conforme a citação acima sobre a pesquisa do IBGE, autor deixa claro que, em 2010, o índice de pessoas no Brasil que ao sair da casa dos pais para cursar o ensino superior 29, 2%, de passam por essa questão de adaptação. Essa adaptação nem sempre é tranquila, visto que, desde a infância estamos vinculados com vivências em família e quando nos deparamos com essa mudança de morar longe, a luta é diária para permanecer no local, suportando distância e saudades. Borche e Viecili, (2019) revelam que os jovens universitários, contam que têm menos dificuldades de adaptação do que seus pais, já que suas vidas são cheias de compromissos e novidades e a de seus pais permanece praticamente a mesma.

Entretanto, analisando essa pesquisa e comparando com a minha vivência ao sair de casa, acredito que eu tive mais dificuldades ao sair de casa do que os meus pais, porque eu nunca tinha saído da minha cidade e isso me gerava uma espécie de pânico.

5.1 A descoberta da negritude

Se de um lado, eu percebo que foi muito difícil a minha adaptação longe de casa, de outro também foi bastante importante para a minha própria constituição, já que não me percebia negra e muito menos tinha ciência de que sofria racismo. Percebi minha negritude ao ler autoras como Djamila Ribeiro e Bianca Santana. Com Djamila (2019) compreendi que o racismo é um sistema de opressão, de desigualdade de oportunidades entre negros e brancos, que mesmo com o passar dos anos, permanece como enorme forma de exclusão. Dessa forma, o ser negro se torna um problema na sociedade racista, que mesmo nos espaços como as escolas, onde racismo deveria ser discutido e rechaçado, mas raramente o é.

Mesmo no interior da família o racismo é uma prática recorrente, como revela Santana (2015, p. 21.), “passei anos ouvindo propostas de cabeleireiros para “arrumar” meu cabelo. Arrumar significa alisar ou, no mínimo, “relaxar as ondas”. Minha avó, vítima e algoz do mesmo racismo, prendia o cabelo beeeem puxado pra trás”. Ao ler a autora, lembrei-me de minha tia que até hoje me cobra toda a vez que me vê, “por que você num passa algo pra soltar os cachos e baixar o volume?” No começo eu achava normal essa pergunta sobre meu cabelo, hoje que já tenho percepção do racismo, acho chato e irritante. Esta situação começou a me afetar de uma forma dolorosa, pois entendo que essas críticas preconceituosas vão inseguranças sobre nos aceitar do lindo jeito que somos. Santana (2015) fala desse mal estar de usar o cabelo solto em função das críticas sofridas e eu me identifico e solidarizo com ela. Hoje, aos 23 anos, tenho a nítida percepção de que sofria e sofro racismo dentro da minha família mais extensa. Entendo também que essa minha tia, como tantas outras pessoas negras passou pelo processo de branqueamento de que fala Ribeiro (2019) e penso que por isso não tenho forças para refutá-la.

Na própria universidade que me abriu portas às leituras antirracistas, o que fez com que eu assumisse, por exemplo, meu cabelo afro, também esse é um espaço de ambivalência, pois eu sofri preconceito em relação ao meu cabelo por parte de uma professora. Nas palavras dela eu deveria “E esse cabelo no rosto”. Se já há uma insegurança na assunção da negritude, dá ainda mais ansiedade quando somos interpostas dessa forma por quem deveria apoiar nossa identidade. Assim, percebo que nunca será fácil, mas que este é um caminho sem volta.

6 (IN) CONCLUSÃO

Entendo que este trabalho é apenas o começo de um diálogo que poderá ser aprofundado com pesquisas posteriores, desse modo, não se encerra aqui.

Neste momento me debruço na minha jornada como mulher negra, universitária na Universidade Federal do Tocantins no Campus de Arraias, no período de 2019 a 2023, é uma história de resiliência, superação e empoderamento. Neste período, enfrentei desafios, mas também encontrei oportunidades de crescimento pessoal e acadêmico.

Ao acessar minhas vivências passadas, pude perceber outras perspectivas sobre como essas experiências moldaram quem sou eu hoje. No entanto, reconhecer as dificuldades enfrentadas ao longo do caminho e a vontade de vencer que em mim se forjou como fundamental para o meu crescimento pessoal e meu desejo de alcançar objetivos pretendidos. Além disso, destaco a importância do apoio dos meus pais desde início, que esteve sempre ao meu lado em todos os momentos, oferecendo suporte, sendo esse apoio um pilar essencial para minha confiança, determinação em superar as dificuldades e alcançar meus objetivos acadêmicos.

Gratidão pela presença e apoio da minha família ao longo dessa jornada foi um elemento importante a ser destacado, pois eles foram uma fonte de inspiração e suporte inestimável em sua busca pelo meu sucesso educacional.

Que minha jornada continue a ser marcada pela determinação, pelo compromisso e pela construção de uma identidade forte como mulher negra, mesmo após a universidade. Pretendo com esta escrita ser fonte de inspiração para outras jovens que estão trilhando o caminho da educação e da construção de suas próprias identidades.

Que a universidade seja um espaço onde todas as mulheres negras possam se sentir acolhidas, respeitadas e capacitadas a realizar seus sonhos e a fazer a diferença no mundo.

Portanto, ao finalizar essa etapa do meu trabalho, senti gratidão pela oportunidade de contar minha história, reviver meus momentos marcantes e oferecer uma perspectiva inspiradora para outras e outros. Acredito que minha autobiografia possa ter um impacto positivo na vida de outras pessoas, encorajando-as a enfrentar seus próprios desafios e acreditar em suas capacidades, assim como me fez acreditar.

REFERÊNCIAS

ABRAHÃO, Maria Helena Menna Barreto. A (re) invenção da personagem - revisitando a história de vida de uma destacada educadora sul-rio-grandense mediante leitura de fontes imagéticas. In: ABRAHÃO, Maria Helena Menna Barreto (org.) **Destacados educadores brasileiros**: suas histórias, nossa história. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2016

BAIROS, Luiza. **Lembrando Lélia Gonzáles (1935-1994)**. 2009. Geledés In: <https://www.geledes.org.br/lembrando-lelia-gonzalez-por-luiza-bairros/>. Acesso em 13.04.2023.

BORCHE, Natália Consuelo. As implicações da saída da casa dos pais na vida de jovens universitários. **Psicologia**: Florianópolis, 2019.

CRENSHAW, Kimberle. A interseccionalidade na discriminação de raça e gênero. In: **Cruzamento**: raça e gênero, 2007.

LORDE, Audre. "There is no hierarchy of oppression", interracial books for children bulletin, vol. 14, Nº 3, Nova York: **Council of interracial books for children**, 1983. (Não existe hierarquia de opressão/tradução de Pê Moreira)

MOMBERGER, Deroly. Abordagens metodológicas na pesquisa biográfica, 2012. **Revista Brasileira de Educação**, v. 17, n. 51, set.-dez. 2012.

RIBEIRO, Djamila. **Pequeno manual antirracista**. – 1ª ed. – São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

RIBEIRO, Silveira. **Juventudes e deficiência**: narrativas autobiográficas de jovens mulheres. (no prelo) UFRGS: Porto Alegre, 2021.

SANTANA, Bianca. **Quando me descobri negra**. São Paulo: SESI-SP editora, 2015.